

# Entrelaçando as Subjetividades: Afetos e Afetações no Trabalho de Campo

**Gabriel Rocha Bandeira**

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.

E-mail: cantu.antropologia@gmail.com



## Resumo

O presente artigo tem por objetivo a abordagem das dificuldades da pesquisa de campo, bem como dos afetos a subjetividade do antropólogo. Durante muito tempo, os relatórios finais de pesquisa desconsideravam as dificuldades encontradas para sua realização, bem como a ligação do antropólogo com seus sujeitos de pesquisa. Recentemente, artigos têm

sido publicados com a finalidade de introduzir esta discussão. Utilizando os conceitos de afeto na filosofia e em Jeanne Favret-Saada, foram realizadas análises da subjetividade do antropólogo em meu trabalho de campo em andamento sobre transtorno de déficit de atenção (TDAH) no ambiente escolar com o intuito de contribuir para a discussão mencionada.

**Palavras-chave:** trabalho de campo; subjetividade; afeto; etnografia.

## Introdução

A grande importância dada pelas pesquisas antropológicas à etnografia enquanto método de pesquisa que consiste em buscar compreender e estudar o sujeito de pesquisa em seus próprios termos, significados e trajetória de vida, a partir de um trabalho de campo baseado em descrições, interações, entrevistas e observações é de conhecimento amplo dentro e fora das ciências sociais, tendo o trabalho de Malinowski (1978) nas Ilhas Trobriand como a primeira etnografia. Porém, a maioria das produções evita dar enfoque às discussões acerca das diversas dificuldades que a pesquisa etnográfica pode trazer ao pesquisador, as dificuldades de acesso ao campo pretendido, por exemplo, poucas vezes aparecem na redação dos relatórios finais com destaque, pois quando aparecem, estão de forma sutil. Estas dificuldades serão mencionadas neste trabalho como desencontros e os acertos como encontros.

Outro ponto de fundamental importância para a produção antropológica, é a discussão sobre a posição do antropólogo em campo, principalmente quando este tem alguma ligação com o lócus da pesquisa e muitas vezes participa da realidade estudada de forma pessoal e a sua subjetividade<sup>2</sup> é entrelaçada ao campo, fazendo-o viver experiências para além da esfera da pesquisa. Este entrelaçamento é o que Favret-Saada (2005) aponta como afetações de campo. Sobre a ausência de discussões aprofundadas acerca do tema, ela afirma:

Poder-se-ia dizer, inclusive, que virar um etnógrafo profissional é tornar-se capaz de maquiar automaticamente todo episódio de sua experiência de campo em uma comunicação voluntária e intencional visando ao aprendizado de um sistema de representações nativas." (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160)

A proposta deste ensaio é abordar justamente os dois pontos citados acima, que atravessaram e ainda atravessam minha vivência no campo que pesquiso atualmente, a saber, a presença de diagnósticos de transtorno de déficit de atenção (TDAH) no ambiente escolar, dentro da antropologia da saúde e doença. Recorte este que só foi possível depois de muitas

---

<sup>2</sup>Ao me referir a subjetividade, entendo-a como gostos, opiniões, visões de mundo e outras questões individuais, bem como a noção de self, empregada por Rose (2011) que diz respeito a como o indivíduo se entende enquanto pessoa e enquanto ser em relação com os demais.

adversidades e desencontros em tentativas de recortes anteriores, que atualmente, avalio como agentes de um grande encontro em minha curta trajetória etnográfica.

No Brasil por exemplo, autores como DaMatta (1978) e Velho (1978) têm tentado propor metodologias para a realização de pesquisas que envolvam algum tipo de vínculo entre o pesquisador e seu campo, problemática que desde meados do século XX preocupam antropólogos, como por exemplo Clifford Geertz na obra "A Interpretação das Culturas" (1989), quando se propõe também a pensar a sua posição em campo. Velho propõe que haja um distanciamento epistemológico, ou seja, procurar abandonar naturalizações através da busca por diferentes perspectivas entre os sujeitos do contexto estudado, para além da que o pesquisador possui, seja a partir das narrativas de classes distintas ou até mesmo outros grupos sociais por exemplo, o que segundo o autor transformaria o familiar em exótico (VELHO, 1978).

Já DaMatta compara este tipo de pesquisa com as viagens xamânicas, que, segundo ele, são viagens introspectivas, onde o xamã volta seu olhar para dentro de si, visando conectar-se com o sagrado. O autor aponta que para empreender estudos sobre aspectos de sua própria cultura, o antropólogo deve aprofundar-se o máximo possível nela, com o objetivo de superar as naturalizações e apreender outros olhares acerca da realidade estudada.

Acredito que a perspectiva de DaMatta seja a que mais se aproxima dos meus esforços para pensar a realidade que estudo e minha conexão com ela, uma vez que meus interlocutores me forçam uma conexão subjetiva com o universo TDAH. Justamente por conta deste mergulho profundo que me propus a fazer para evitar naturalizações é que se faz necessário a conceituação de Favret-Saada (2005) ao analisar a relação entre mim e meu campo de pesquisa.

## Dos desencontros ao encontro

A linha de pesquisa antropológica a qual me dedico é a antropologia voltada para o estudo de fenômenos de saúde e doença, e de forma mais específica, o que diz respeito a psicopatologias. Desde o início das leituras nesta perspectiva, o interesse sempre foi o estudo do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), em interface com a antropologia da criança, além da psicologia.

Por se tratar de uma psicopatologia constantemente vinculada às crianças, tornou-se inevitável que a discussão pretendida trate de aspectos do ambiente escolar. Assim, desde o início do projeto, a intenção era realizar a etnografia, por meio, principalmente, de observação participante<sup>3</sup> e entrevistas dentro de instituições de ensino privadas para compreender como este transtorno aparece e é tratado na escola, porém, está nesta intenção o maior e mais curioso desencontro que tive, uma vez que todas as instituições que foram procuradas negaram o acesso com discursos muito similares.

Aproximadamente quatro escolas privadas que possuem ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano) foram contatadas, e informadas de que o intuito do recorte feito até então era a observação participante e entrevistas com professores, direção e equipe pedagógica, enfocando, a grosso modo, o olhar docente em relação à criança com transtorno de déficit de atenção. Os pedidos foram todos negados. O que desperta curiosidade é o fato de que as negativas estavam de certo modo, todas em um mesmo molde: evitar que fosse feito qualquer questionamento ao trabalho realizado por psicólogos e psicopedagogos no interior da escola. Ao reparar que não foi utilizado em momento algum o termo “questionamento” na solicitação, procurei entender o motivo desta pressuposição, feita por todas as escolas procuradas.

Pode-se em primeiro momento, de forma quase intuitiva, atribuir as falas de recusa das escolas a um possível medo de que a presença de um

---

<sup>3</sup>Por observação participante, entende-se aqui o acompanhamento e observação de aulas, intervalos, sala de permanência docente, além dos demais ambientes da escola.

pesquisador diariamente na instituição revelasse algum erro de procedimento dos profissionais do contexto. Essa análise foi a que adotei durante o tempo que passei buscando meios de reconstruir o projeto de pesquisa, sem perder o foco de analisar como se dá o TDAH na escola e como é tratado por profissionais da educação. Porém, uma vez que jamais se pretendeu quebrar o anonimato da instituição pesquisada e não se objetivou a universalização da análise a partir de um contexto singular, não é possível afirmar a simplicidade dos motivos que promoveram os desencontros. Além disto, as mesmas respostas eram dadas quando, depois da reconstrução do projeto, a solicitação passou a ser entrevistas e apenas algumas visitas à escola, o que indica que o ponto não é o mencionado acima.

À luz da perspectiva foucaultiana sobre a instituição escolar, os possíveis motivos do “não” começam a tomar outro caminho. Na obra de Foucault, a escola é vista como parte de um aparelho de padronização e controle das subjetividades.

A análise do autor é, em síntese, que a instituição escolar tem um papel importante na introjeção de valores, códigos de conduta e moralidade nas mentes dos sujeitos, para que estes se enquadrem ao modo de vida que a sociedade estabelece e possam se autocontrolar, além de vigiar aos outros. A escola como integrante do aparato de controle, onde o indivíduo é preparado e moldado para a socialização, atua através de relações de poder e usa de diversos dispositivos punitivos, capazes de uma introjeção tão profunda que forma a alma dos sujeitos, como Foucault cita, por exemplo:

[...] Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em tomo, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos — de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. (FOUCAULT, 1987, p. 32-33)

Instrumentalizando sua análise, é possível ter a perspectiva de que a psicopatologia assume o papel de um dispositivo para a disciplina daqueles

que o método adotado tradicionalmente não é capaz. Isto é possível, pois, segundo Foucault, a medicina e a psicologia têm um grande poder no controle dos corpos individuais, o que ele conceitua como Biopoder: grosso modo, a junção dos aparatos médicos, estatais e psicológicos para a introjeção de normativas sociais nos sujeitos de modo que eles mesmos passem a vigiar e controlar a si e aos demais.

Partindo desta visão de biopoder, acredito que aquilo que chamarei de narrativas do questionamento têm por motivo basilar a impossibilidade ou incapacidade de avaliação e readequação (ou até mesmo substituição ou suspensão) deste dispositivo instrumentalizado pela escola, com receio de que esta perca sua fundamental importância para a sociedade. Ou ainda, que esta avaliação leve a necessidade de uma reflexão sobre todo o sistema de ensino, o que seria trabalhoso se fosse preciso reformatá-lo. Assim, o caminho mais breve é imputar no sujeito, via patologização, a responsabilidade pela ineficiência deste sistema.

Desta resposta, que me parece ser adequada, e da interpretação da escola como um mecanismo de controle e adequação dos indivíduos, surge em minha trajetória o encontro, que se deu quando percebi a possibilidade de analisar a presença do TDAH no ambiente escolar estudando as bases do processo educacional, ou seja, a partir dos setores que direcionam o ensino. O projeto foi reformulado e o recorte adotado foi a análise mencionada acima com foco nos procedimentos e discursos de psicopedagogas responsáveis pela avaliação de crianças possivelmente portadoras de psicopatologias na rede municipal de Londrina-PR. O campo deixou de ser a escola propriamente dita e passou a ser o órgão gestor de toda a rede educacional do município.

Com a alteração do campo, foi possível dar início à pesquisa, que, mesmo sendo o grande encontro de minha temática, teve também seus desencontros. Um dos mais difíceis de ser superado, pois leva tempo e estudo é a conquista da confiança dos sujeitos de pesquisa para ter acesso aos seus conhecimentos e lógicas de pensar.

Por estar estudando profissionais que se situam em uma seara de conhecimento extremamente complexa, não é raro ouvir nas inserções a campo frases do tipo “mas isso você não deve entender, não é da sua área”<sup>4</sup> ou o uso de linguagens técnicas acompanhadas de risos, pressupondo desconhecimento de minha parte. Nessas situações, a dificuldade da pesquisa aumenta, pois exige um estudo aprofundado das teorias mobilizadas pelos interlocutores do campo para só então ser levado em consideração por eles.

Fato é que este estudo árduo desta seara me possibilitou transitar por ambientes de forma tranquila, além de, juntamente com outros fatores que trataremos a seguir, fazer com que a imagem de pesquisador fosse diluída, o que no caso desta pesquisa é um facilitador importante para a obtenção de informações fundamentais para a análise<sup>5</sup> proposta. Entretanto, há de se considerar que esta dissolução de minha presença enquanto pesquisador causou uma série de afetos e afetações que devem ser tratados com uma visão analítica.

### **O encontro como gerador de afetos e afetações**

Para que se torne possível uma análise dos afetos vivenciados em campo é necessário que antes de tudo se defina o que entendo aqui como afetos e o porquê utilizo a expressão afetações.

Como afeto, entendo as noções da psicologia, com base em Deleuze e da filosofia, baseada principalmente em Spinoza, que tratam este conceito como tudo aquilo que toca o indivíduo de maneira singular, ou seja, que o desperta empatia ou antipatia. Partindo desta interpretação, pode-se dizer que todo antropólogo em campo é predisposto a sofrer afetos durante sua pesquisa, envolvendo-se empática ou antipaticamente com seus interlocutores. O trabalho acerca do TDAH me afetou diversas vezes deste modo, que abordarei não com o intuito de transformar este ensaio em um relato de experiências, mas tendo por objetivo, compreender a presença

---

<sup>4</sup>Grifo meu de cadernos de campo acerca de declarações dos sujeitos de pesquisa.

<sup>5</sup>A pesquisa mencionada está em fase final de trabalho de campo e em processo de redação de artigo.

destes afetos na produção do trabalho final e também na possibilidade de gerar aquilo que chamo de afetações.

Por afetações, entendo a noção trabalhada na discussão proposta por Favret-Saada (2005), que se distingue da mencionada anteriormente. Segundo a autora, afetação é a participação do antropólogo no campo, para além da noção clássica de observação participante, ou seja, participar e passar a ser visto por seus interlocutores como parte integrante do contexto estudado, a partir de uma declaração dos mesmos ou de uma percepção do próprio antropólogo. Diferentemente da conceituação feita sobre afetos, Favret-Saada afirma que nem todos os antropólogos vivenciam as afetações. Por isso, ao fazer referência a esta perspectiva será utilizado o termo afetação, que pode ser exemplificado no campo realizado pela própria autora:

Por exemplo, digo a um camponês, em eco a alguma coisa que ele me disse: "Pois é, eu sonhei que...", e eu não teria como explicar esse "pois é". Ou então meu interlocutor observa, sem fazer qualquer ligação: "Outro dia, fulano lhe disse que... Hoje, você está com essas erupções no rosto". O que se diz aí, implicitamente, é a constatação de que fui afetada: no primeiro caso, eu própria faço essa constatação, no segundo, é um outro quem a faz. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159)

Ao refletir sobre estas conceituações dentro da realidade em que me encontro, noto que ambas fazem parte do meu processo de pesquisa e também da análise dos dados que são coletados. Considerando que minha entrada na seara estudada foi facilitada por minha mãe, que é profissional de outro setor dentro do lócus de meu interesse analítico e que intermediou uma série de contatos com as psicopedagogas responsáveis pela área de atendimento e avaliação de psicopatologias, o status de pesquisador ou antropólogo foi diluído logo na primeira inserção a campo, se é que chegou a ser conferido, pois já no início minha imagem era remetida à minha filiação.

Esta associação quase instantânea que era feita, causou uma série de afetações em mim e nos sujeitos pesquisados. A empatia por parte das entrevistadas, gerada ao perceber meu parentesco com uma de suas colegas de trabalho era no mínimo curiosa, pois todas as conversas recebiam um tom informal e de importante teor analítico, uma vez que não

me viam enquanto pesquisador. Não deve ser desprezado o fato de que por ser um órgão burocrático e formal, certamente as entrevistas teriam um tom formal e de profundidade restrita se o olhar conferido a mim não fosse o mencionado. Considero esta afetação, portanto, de fundamental importância para que fosse obtida a maior quantidade possível de material para a pesquisa. Este ponto também foi o responsável pela minha empatia com relação ao campo, pois se tornou prazeroso e produtivo estar pesquisando ali. Assim, a predisposição em a partir do afeto – aqui, interações empáticas com meus interlocutores - vivenciar a afetação – me tornar, por conta do parentesco com uma colega de trabalho dos interlocutores, pertencente ao campo na percepção dos próprios interlocutores - fez com que as minhas análises antropológicas se tornassem mais ricas e com maior grau de profundidade. Não se trata aqui de abrir mão do rigor metodológico e privilegiar a subjetividade a partir do afeto ou da afetação, mas de através deste aliar subjetividade, metodologia e teoria, encarando a afetação como um facilitador do fazer etnográfico.

No que diz respeito ao afeto em termos antipáticos, pode-se afirmar que este foi também responsável por uma afetação no contexto pesquisado e de uma nova mudança de status na avaliação dos sujeitos de pesquisa. Embora Favret-Saada não estabeleça relações entre afeto e afetação, estas existem em minha trajetória.

Em uma das inserções a campo, realizei uma entrevista com uma das psicopedagogas responsáveis pela aplicação das avaliações para identificar possíveis psicopatologias. Durante a entrevista, a profissional me questionou se não me recordava dela, afirmando que não pedi que falasse sobre isso. Disse que na minha fase escolar inicial, ela havia sido a psicopedagoga responsável por avaliar-me criteriosamente em busca de algum déficit psicológico além da deficiência física que possuo (paralisia cerebral). A partir de então, aos olhos das pessoas daquele contexto, passei de filho de uma colega de trabalho para um dos avaliados ou algo do gênero e pude ter contato com uma série de classificações e lógicas

classificatórias no processo de atendimento. Então, neste aspecto surge a afetação.

Esta afetação, ser em certa medida incorporado pelo próprio campo, permite que os pensamentos e análises realizados possam partir da junção dos conhecimentos da antropologia e de um corpus teórico e conceitual próprio da seara estudada. Não significa, entretanto, ter acesso às formas de pensar do outro, do entrevistado, mas ter a possibilidade de formular suas próprias análises e pensamentos com o sistema que este outro mobiliza. Sobre isso, discorre Saada:

Afirmo, ao contrário, que ocupar tal lugar no sistema da feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159)

Abstendo-me de todas as discussões psicanalíticas já feitas a mim envolvendo pensamentos recalcados acerca da minha condição na fase escolar, para não transformar este ensaio em um mero relato pessoal, faz-se primordial estudar o que essa vivência proporciona para a pesquisa antropológica. Entrelaçar a minha subjetividade e o campo permitiu-me, por exemplo, perceber as nuances do processo de avaliação que as psicopedagogas submetem os alunos que julgam portadores de algum transtorno.

Somente com a análise da afetação pude avaliar minha vida escolar e perceber os estigmas (Goffman, 1980) produzidos por este processo. No meu caso, não recebi nenhuma avaliação positiva para psicopatologias, mas recebi os estigmas do processo, rótulos classificatórios de professores e colegas. Assim, ao avaliar isto, afirmo que o estigma da psicopatologia no ambiente escolar aparece antes mesmo da confirmação da doença ou transtorno. É preciso mencionar, que minha subjetividade possibilitou a análise dos discursos das avaliadoras na prática, uma vez que estes também foram mobilizados em relação a mim. Estes e outros pontos advindos das afetações serão abordados com profundidade no relatório final da pesquisa, após o término da etnografia.

Acredito que tanto os afetos quanto as afetações estão estreitamente ligados com a produção de novos moldes subjetivos, pois constrói-se a partir deles outras perspectivas e leituras acerca do que se está estudando, entretanto isto só é possível ao tomarmos o contexto que estão inseridos para a análise. Embaso esta ideia, no que Das (2011) chama de construção da voz. Para a autora “as vidas individuais são definidas pelo contexto, mas são também geradoras de novos contextos” (Das, 2011, p.18), e esta relação determina a voz dos sujeitos, ou seja, como estes se colocam diante das situações ao mesmo tempo que as moldam. A autora exemplifica seu argumento discorrendo acerca da transformação de vida sofrida por uma mulher indiana ao se tornar viúva, evento que fez suas relações familiares se alterarem, seu papel social mudar e sua forma de enxergar a realidade também, modificando a forma com que agia.

Percebo tais mudanças como alterações subjetivas e, dentro de minha trajetória, noto-as a partir do momento que fui percebido por meus interlocutores como integrante do campo estudado, gerando afetos e afetações e fazendo com que minhas percepções e leituras daquela realidade se organizassem de outra forma, como mencionado anteriormente. Portanto, julgo possível dizer que há uma ligação – se não uma dependência – entre os afetos, as afetações e também o contexto e a construção da voz trabalhados por Das, e esta ligação deve ser tomada como fundamental ao se empreender análises como a pretendida aqui.

Assim, acredito que instrumentalizar a subjetividade do pesquisador que passou pela afetação do campo, é totalmente possível, e para tanto se deve manter o olhar analítico das vivências a serem estudadas, levando sempre em conta algo importante: não há como produzir análises científicas das afetações no auge das mesmas, é necessário que se espere um tempo. No meu caso, por exemplo, escrevo este artigo para dar início às minhas análises de afetação, e para que esta se minimizasse foi necessário interromper temporariamente minhas inserções no campo.

## Considerações Finais

Com este trabalho, não tenho a pretensão de apontar caminhos para a análise das subjetividades afetadas em campo, mas exemplificar a partir de meus afetos e afetações a possibilidade de considerar e trabalhar com os diversos pontos suscitados pelo campo antropológico, além de analisar como estes afetos e afetações se dão dentro dos encontros e desencontros da pesquisa etnográfica. O trabalho também buscou estudar analiticamente e evidenciar as possíveis ligações entre os conceitos mencionados, acredito que de maneira exitosa, utilizando-se de experiências particulares que, em tese, seriam desprezadas na redação do texto final de uma etnografia, mas que, conforme demonstrado, auxiliam muito no fazer científico da antropologia.

Evidenciar e abordar as adversidades que atravessam o trabalho de campo é de extrema importância, pois se trata de discorrer acerca de dificuldades e percalços que todo antropólogo passa, porém nem sempre abre espaço para esta discussão em sua redação final. Espero que com a leitura dos tópicos trabalhados aqui, colegas consigam avaliar seus campos de outra forma e encontrem respaldo para superar suas dificuldades. Além disso, ao discorrer analiticamente sobre as afetações e afetos da pesquisa, viso uma contribuição acerca da noção do fazer científico na seara antropológica, tendo em vista os pontos em que se entrelaçam conceitos e subjetividade, que contribuem de forma singular para a produção de análises científicas em profundidade.

A análise proposta aqui não traz certezas metodológicas ou conceituais, mas se propõe a acrescentar nos entendimentos acerca do antropólogo em campo e o seu fazer pós-campo, bem como no tratamento dado às experiências subjetivas. Mais que responder perguntas com extrema certeza se vislumbra o aprofundamento destas, que estão sendo colocadas nos trabalhos antropológicos com certa frequência.

## Referências Bibliográficas

DAMATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo, ou como ter 'Antropological Blues'". In: E. de O. Nunes (org.), *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

DAS, Veena. "O ato de testemunhar: Violência, Gênero e Subjetividade". *Cadernos Pagu*, n. 37, p.9-41, Campinas jul/dez 2011.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. A. C. Piquet; R. Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n.13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 27. Ed. Petrópolis. Vozes, 1987.

Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova-Guiné Melanésia*. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROSE, Nikolas. *Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1677/2009.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: E. de O. Nunes (org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978